

## **A PESQUISA COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO: UM ESTUDO NA FORMAÇÃO INICIAL EM PEDAGOGIA NO MUNICÍPIO DE ITAPETINGA (BA)**

### **RESEARCH AS AN EDUCATIONAL PRINCIPLE: A STUDY IN INITIAL TEACHER EDUCATION IN PEDAGOGY COURSE IN ITAPETINGA (Bahia)**

Wêdma Moreira de Araújo\*  
Lúcia Gracia Ferreira\*\*

**RESUMO:** Esta pesquisa teve como objetivo analisar as considerações que os estudantes matriculados no sexto período do curso de Pedagogia oferecido pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)/Campus Itapetinga/BA apresentam acerca da pesquisa como princípio educativo em sua formação inicial. Esta se configura como uma pesquisa qualitativa e exploratória, realizada a partir da utilização de entrevistas feitas com seis estudantes do curso de Pedagogia da UESB, integrantes e não integrantes de Grupos de Pesquisa (GP). Ficou evidente que todos os estudantes pesquisados sabem o que é pesquisa e estão cientes de sua contribuição para a formação inicial e o exercício da docência; que esta deve estar presente no curso de Pedagogia e na Universidade, integrando ensino-pesquisa-extensão; que a pesquisa deve permear todo o currículo do curso e a pesquisa como princípio educativo deve fazer parte do cotidiano da formação. Dessa forma, entendemos que há semelhanças e diferenças entre estudantes participantes e não participantes de GP, mas com uma maturidade maior do primeiro grupo. Ainda, que a pesquisa na formação inicial deve possibilitar a busca pela transformação do sujeito em um cidadão emancipado, prático, crítico e reflexivo frente à realidade e isso inclui a elaboração própria.

**Palavras-chaves:** Pesquisa; Princípio educativo; Formação inicial.

**ABSTRACT:** This research aimed to analyze the considerations that students enrolled in the sixth period of the Pedagogy course offered by the State University of Southwest Bahia (UESB)/Campus Itapetinga/BA present about research as an educational principle in their initial teacher education. This one is configured as a qualitative and exploratory research, carried out through the use of interviews with six students from the UESB Pedagogy course, members and non-members of Research Groups (RG). It was evident that all students surveyed know what research is and are aware of its contribution to initial education and practice of teaching; that it must be present in

---

\* Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Integrante do grupo de pesquisa Centro de Pesquisa e Estudos Pedagógicos. Contato: wedmaraujo@yahoo.com.br

\*\* Pós-doutorado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e doutorado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Docente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFBA. Líder do grupo Docência, Currículo e Formação (CNPq). Contato: luciagferreira@hotmail.com

Pedagogy course and at University, integrating teaching-research-extension; that research should permeate the entire curriculum of the course and research as an educational principle should be part of everyday training. Thus, we understand that there are similarities and differences between participating and non-participating students, but with a higher maturity of the first group. Still, that research in initial teacher education must enable the search for the subject's transformation into an emancipated, practical, critical and reflective citizen in the face of reality and this includes self-elaboration.

**Keywords:** Research; Educational principle; Initial teacher education.

## INTRODUÇÃO

Neste estudo, a pesquisa como princípio educativo é entendida como prática formativa centrada nos estudantes, na perspectiva do desenvolvimento do espírito crítico e da autonomia dos futuros profissionais; como saber-pensar, criação própria. Consiste na problematização, questionamento e criatividade, ao desencadear um compromisso ativo dos estudantes em atividades de investigação, contribuindo para o processo de aprender, compreender e intervir na realidade. Assim, este estudo teve como objetivo analisar as considerações que os estudantes matriculados no sexto período do curso de Pedagogia, oferecido pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *Campus Itapetinga-BA*, apresentam acerca da pesquisa como princípio educativo em sua formação inicial.

Busca-se, portanto, tratar não sobre o ensinar para a pesquisa, mas sobre o ensinar com pesquisa. Isso porque essa dimensão da relação com o ensino pode possibilitar, na formação inicial dos estudantes de Pedagogia, a superação da tradicional dicotomia entre teoria e prática. Dessa forma, a pesquisa como princípio educativo deve ser ponderada mediante uma relação direta com a nossa prática de construir e de realizar a vida cotidiana.

O problema da pesquisa consiste na seguinte questão: quais as considerações que os estudantes matriculados no sexto período do curso de Pedagogia, oferecido pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *Campus Itapetinga-BA*, apresentam acerca da pesquisa como princípio educativo em sua formação inicial? A resposta nos instiga a pensar o quanto o ensinar sem pesquisa reforça dicotomias (teoria-prática; ensino-pesquisa; saber-mudar) e a reprodução, “sufocando”, muitas vezes, a perspectiva de

elaboração própria, reconstrução, criação e inovação. A pesquisa que evita esse “sufocamento” é aquela que é dialogada, aprendida, colaborativa, autônoma e emancipatória.

Dessa maneira, iniciamos a investigação no intuito de conhecer as considerações desses estudantes a respeito da pesquisa como princípio educativo, se está presente na universidade e se eles concordam que a Universidade apenas ensine, sem ter como hábito o constante pesquisar. Ressaltamos que o cotejamento de dados foi realizado no curso de Pedagogia noturno, em que é menos comum a participação dos alunos nas atividades acadêmicas, visto serem alunos trabalhadores.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa como princípio educativo oportuniza aos estudantes aprenderem a lidar com as incertezas, desconstruírem algumas crenças, mostrando que pesquisa coincide com criar e emancipar, estando sempre atrelada a um esforço sistemático e inventivo de elaboração própria, construindo um diálogo entre a emancipação social e a realidade.

A metodologia deste estudo é de abordagem qualitativa, do tipo exploratória. A pesquisa foi realizada na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *Campus* Juvino Oliveira, localizado em Itapetinga, interior do estado da Bahia. Esta instituição é um dos três *Campi* da UESB; possui sete cursos: Ciências Biológicas (licenciatura e bacharelado), Zootecnia (bacharelado), Pedagogia (licenciatura), Física (licenciatura), Engenharia de Alimentos, Engenharia Ambiental e Química (licenciatura e bacharelado). Vale mencionar que o curso de Pedagogia é o único da área de Ciências Humanas e oferta turmas nos turnos matutino e noturno. Ademais, no Curso de Pedagogia os alunos são, principalmente, da classe média baixa.

A pesquisa foi realizada com seis estudantes do sexto semestre do Curso de Pedagogia, que já haviam cursado todas as disciplinas que se referem diretamente à pesquisa existentes no currículo, quais sejam: Métodos e Técnicas da Pesquisa, Metodologia da Pesquisa Educacional e prática da Pesquisa Educacional. Os participantes foram escolhidos com base em dois

critérios: primeiro, serem estudantes participantes de grupo de pesquisa; e, segundo, não serem participantes de grupo de pesquisa.

No segundo semestre do ano de 2013, período de realização da pesquisa, apenas os alunos do 6º e 8º semestres poderiam ser participantes. Descartamos os alunos do 8º, por ser o semestre em que realizam duas disciplinas de Estágio Supervisionado e apresentam o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Diante dessas condições, verificamos a dificuldade de encontrar adeptos a este estudo. Dos alunos do 6º semestre, os primeiros três a serem abordados eram participantes de Grupo de Pesquisa (GP) e aceitaram participar. Assim decorreu também com os outros três alunos não participantes de GP. Optamos por um número menor de participantes, porque houve algumas dificuldades para encontrar adeptos, visto que muitos desses estudantes do 6º semestre já não compareciam às aulas, pois estavam no final de semestre e aproximavam-se as datas comemorativas de final de ano.

Os dados foram coletados no ano de 2013, utilizando a entrevista semiestruturada composta por 12 questões pautadas no contexto de pesquisa e pesquisa como princípio educativo. Nessas entrevistas foram abordadas as seguintes questões: O que entende por pesquisa? A pesquisa está presente em sua formação inicial? Qual a relevância da pesquisa em sua formação inicial? Você já ouviu falar ou participa de algum grupo de pesquisa? Você tem no curso de Pedagogia incentivo para pesquisar? A Universidade contemporânea exige que se formem cidadãos e profissionais críticos e autônomos. Para você, o que a pesquisa pode influenciar nesse tipo de transformação? A pesquisa na Universidade está sempre restrita a um número pequeno de estudantes. Apresente algumas dificuldades encontradas para se fazer pesquisa no curso de Pedagogia noturno. Visto que a Universidade Pública se sustenta na relação ensino, pesquisa e extensão, considerados indissociáveis, como você vê a existência dessa relação em sua formação inicial nesta Universidade? Você acha possível aprender através da pesquisa? Visto que a maioria das disciplinas do currículo de Pedagogia são teórico-prática, responda: a) A pesquisa também permeia o currículo através de suas disciplinas? b) Esse currículo através do ensino ajuda a formar o pesquisador? c) Você considera a pesquisa um subsídio para o exercício da docência? É

possível se emancipar através da pesquisa? Como? Como a pesquisa como princípio educativo contribui na sua formação para ser professor?

Com base nas questões anteriormente citadas, as entrevistas foram realizadas de acordo com o horário disponível dos participantes, gravadas em áudio, com duração de aproximadamente 30 minutos cada uma. Em seguida, foram transcritas, para a análise posterior.

Os dados das entrevistas foram tratados por meio da análise de conteúdo temático (BARDIN, 2010). A categorização dos dados deu-se a partir da comparação das respostas dos estudantes participantes de grupo de pesquisa e dos não participantes, por convergência e divergência de respostas, sendo alocadas em temas. As respostas fornecidas foram separadas, buscando extrair delas o foco para análise, a partir de relatos que proporcionaram reflexões sobre o tema e sua discussão com os referenciais teóricos que fundamentam este trabalho. Assim, pudemos separar tais dados em três eixos temáticos: 1) Pesquisa na formação inicial e suas possibilidades; 2) Pesquisa e suas influências na formação universitária; e 3) A pesquisa como princípio educativo e subsidiadora para o exercício da docência.

## **PESQUISA COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO**

É necessário reconhecer que o termo pesquisa pode ser entendido de várias formas, desde a simples busca de informação até o uso de sofisticação metodológica capaz de abrir caminhos novos para construção do conhecimento ou melhoria dos já existentes, ou até mesmo a criação de novos métodos de investigação. Muitas significações são atribuídas à palavra pesquisa, o que impede, de certo modo, uma reflexão sobre este termo quando usado nas pesquisas em educação. Diante disso, Gatti (2006, p. 25) nos afirma que:

Cabem algumas últimas considerações. Primeiro a consideração que do ponto de vista das teorizações, o diálogo do pesquisador com autores e bibliografias precisa pautar-se mais pela dúvida e discussão, pela postura crítica e ampliadora, e não apenas pela reprodução e aceitação.

Podemos inferir, fundados nas palavras da autora, que, muitas vezes, ficamos presos a conteúdos reproduzidos dentro da academia, o que nos impede de termos uma amplitude do que seria, de fato, a pesquisa, pois a pura reprodução impede a emancipação almejada numa formação. Dessa maneira, pesquisa deve coincidir com criar e emancipar a nossa formação científica, precisa ser também formação educativa, fundada no esforço sistemático e inventivo de elaboração própria, através do qual é construído um projeto de emancipação social capaz de promover um diálogo crítico com a realidade. Muitos de nós estamos acostumados a ter atitudes de imitadores, que copiam, reproduzem e fazem provas; é necessário começar a quebrar tais paradigmas e a desenvolver em nós a atitude de aprender pela elaboração própria, substituindo a curiosidade de escutar pela de produzir; ainda, substituir a reprodução pela criação e inovação.

Mas, na verdade, o que podemos entender por pesquisa? Pesquisa “não é um ato isolado, intermitente, especial, mas atitude processual de investigação diante do desconhecido e dos limites que a natureza e a sociedade nos impõem. [...] Faz parte do processo de informação, como instrumento essencial para a emancipação” (DEMO, 2011, p. 16). Ainda, para o autor, “a pesquisa como princípio científico e educativo é compreendida como capacidade de elaboração própria sendo condensada a uma multiplicidade de horizontes” (DEMO, 2011, p. 18). Nesta perspectiva, a pesquisa científica deve ultrapassar os muros acadêmicos e revelar-se aos vários seguimentos do ensino, pois não é privilégio apenas da universidade.

Assim, o professor, não só na educação básica, mas também no ensino superior, é parte fundamental no processo formativo de seus alunos. Dessa forma, reproduzir conhecimentos disciplinares ou ser somente pesquisador não reflete positivamente na formação desses estudantes, muito pelo contrário, distancia cada vez mais esse sujeito de aprender pela pesquisa. Para Demo (2011, p. 15), “quem ensina carece pesquisar; quem pesquisa carece ensinar. Professor que apenas ensina jamais o foi. Pesquisador que só pesquisa é elitista explorador, privilegiado e acomodado”.

Sabemos, também, que o ensino e a pesquisa “andam” juntos com a extensão, eixos indissociáveis, articuladores do projeto almejado de

universidade, responsável pela sua sustentação e excelência, o famoso tripé acadêmico. O ensino-pesquisa-extensão representa processos de intervenção na realidade, seja por meio da construção do saber e sua materialização, ou pela apropriação do conhecimento construído e sua mobilização.

Esse princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão encontra-se disposto na Constituição Federal de 1988, ao afirmar que “as universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (BRASIL, 1988, Art. 207). Esse tripé e seu modo indissociável refletem a razão de ser das universidades.

Conforme Rays (2003, p. 73), “[...] a indissociabilidade torna-se, pois, princípio fundante para a articulação concreta das atividades-fins do ensino superior. Caracteriza-se, pois, como um processo multifacetado de relações e de correlações que busca a unidade da teoria e da prática [...]”. Nesse âmbito, o tripé configura-se como eixo articulador da formação nas/das universidades.

A pesquisa, para funcionar como um princípio educativo, deve ser considerada um processo formativo constante em todo trajeto educativo, pautado sempre em uma proposta emancipatória, pois educar é motivar a criatividade do próprio educando. Segundo Demo (2011), a pesquisa surge como algo próprio e desafiador, o caminho independente na universidade não pode vir de fora, imposto, mas será conquistado de dentro.

Consideramos que não há nada mais mortificador do que ver um estudante na academia altamente domado para ouvir, copiar, fazer prova; isto é algo marcante, pois, vendo um estudante com esse comportamento, somos levados a acreditar que ele desenvolve uma atitude de objeto, incapacitado de ter ideias e projetos próprios. Pior do que isso é constatar esse mesmo fato em alguns professores que nunca saíram dessa postura de reprodutor do conhecimento, porque não aprenderam ou não sabem criar, reproduzindo esse mesmo hábito no aluno, na ilusão de estar, de fato, desenvolvendo sua função de professor.

Assim, educar pela pesquisa deve ser uma atitude cotidiana, pois “para que se eduque pela pesquisa é necessário primeiramente conhecê-la e alguns horizontes múltiplos que a compõem” (DEMO, 1995, p. 2). O autor propõe que,

diante dessa realidade com a qual nos deparamos na academia, é de fundamental importância que sejam criados caminhos alternativos, ainda que preliminares. A pesquisa é um desses caminhos que tendem a atender melhor as demandas sociais, quando articulada ao ensino e extensão, além de ser considerada um princípio educativo.

Nesse sentido, ao professor, tanto compete o respeito aos saberes prévios dos alunos quanto o estímulo à capacidade criadora do educando. A função da aula está em pesquisar, no sentido de chamar a atenção para a discussão, para caminhos alternativos, motivando no aluno o sentido de fazer seu próprio questionamento, para poder chegar à sua elaboração própria. Nova (2011, p. 26) assevera que “a atitude de pesquisa é, portanto, fundante do ser humano, é base do seu desenvolvimento numa perspectiva integradora ao conjunto da espécie, mas essencialmente emancipadora, autoral, protagonista”. Dessa forma, a atitude de pesquisa é algo íntimo, está dentro de cada sujeito.

A pesquisa tem o poder de relacionar conhecimentos, visto que por meio dela o estudante vivencia a forma de elaboração de conhecimento próprio, podendo remeter-se constantemente a situações concretas do seu cotidiano, construindo, assim, um caminho próprio. Mas esse processo de construção de caminhos próprios ocorre de maneira gradativa, com constantes idas e voltas, com confrontos e contradições, como nos afirma Nova (2011, p. 35):

O ensino baseado na problematização, nas suas diferentes formas e possibilidades, entre elas a aprendizagem baseada em problemas (ABP), é um caminho fundamental para a aprendizagem significativa. Fundamenta-se na ideia de que o aprendiz é um participante ativo do processo de aprender, ao selecionar e transformar a informação recebida, ao construir hipóteses, formular interpretações próprias.

Portanto, o professor tem que criar condições e recursos para que o estudante construa a solução do problema e para que a partir disso estabeleça relações com a teoria e com o seu objeto de estudo. Nesse sentido, a formação estimula o questionamento como natural, levando os estudantes a um processo de reflexão e crítica concreto, a partir da mediação provocativa e, ao mesmo tempo, afável do professor. Propomos que para conceber a relação entre

ensino e pesquisa na universidade é preciso levar os estudantes a conhecerem e estudarem novos métodos e técnicas de pesquisa, orientá-los a desenvolverem projetos próprios ou em grupos, dentro e fora das disciplinas do currículo. Assim, “os professores podem incorporar, como conteúdos de suas aulas, resultados de suas pesquisas, ou ainda pode adotar práticas pedagógicas baseadas na problematização e indagação” (NOVA, 2015, p. 350).

Dessa maneira, o ensino como pesquisa não se limita às prescrições de práticas e teorias, o ensino como pesquisa busca a problematização das teorias e os sentidos da construção de novas práticas. Conforme Demo (1988, p. 2), “ao participar do processo de pesquisa o estudante deixa de ser objeto de ensino para tornar-se parceiro de trabalho”. Com isso, a relação entre ensino e pesquisa possibilita, na formação inicial, a superação da dicotomia entre teoria e prática, essa dicotomia é um dos aspectos que o ensino com pesquisa busca superar. A formação inicial tem que preparar o professor, ou futuro professor, para a mudança, e essa mudança, muitas vezes, só é possível através da investigação e da problematização. Fora isso, o professor em formação não estará apto para lidar com os imprevistos e os conflitos que envolvem muitos dos processos educacionais.

## **A PESQUISA NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UESB: PONTOS DE PARTIDA E DE CHEGADA**

Os participantes deste estudo foram divididos em dois grupos, estudantes participantes de grupo de pesquisa (P) e estudantes não participantes de grupo de pesquisa (G), identificados pelas letras P e G e uma sequência numérica que representa cada estudante entrevistado.

### *Eixo temático 1: pesquisa na formação inicial e suas possibilidades*

Quanto a este eixo, percebemos semelhanças nas respostas fornecidas pelos estudantes dos dois grupos pesquisados, seja em relação à concepção de pesquisa, a perspectiva de que é possível aprender através da pesquisa e a percepção de que a pesquisa se faz presente na formação inicial e que tem

relevância. Estes posicionamentos encontram-se nos relatos categorizados no quadro 1, a seguir.

**Quadro 1:** Dados do Eixo temático 1 - Pesquisa na formação inicial e suas possibilidades.

<b>P ou G</b>	<b>Conhecimento sobre pesquisa</b>	<b>É possível aprender através da pesquisa</b>	<b>A pesquisa presente na formação inicial e sua relevância</b>
<b>P1</b>	Pesquisa é como se você fosse buscar o conhecimento, é, estou querendo saber determinado tema, eu vou buscar pesquisar, detectar os problemas e tentar resolver.	Muito, muito mesmo, porque a pesquisa me leva a conhecer me leva a buscar detectar o problema, eu que vou buscar, entendeu? E isso ajuda muito no conhecimento bastante mesmo é fundamental.	[...] A partir do 5º semestre que comecei entender um pouco sobre pesquisa. Como estou pesquisando minha monografia eu estou entendendo agora um pouco sobre pesquisa. [...] eu vejo de grande importância porque tá me levando a buscar, me levando em busca do conhecimento então por isso está sendo fundamental para mim.
<b>P2</b>	Pesquisar para mim é buscar conhecer mais sobre determinado tema, seja ele mais específico ou mais amplo e se encontrar mesmo, encontrar respostas para a suas questões.	Sim. Demais ela amplia todo o seu conhecimento, toda a sua visão seu aprendizado é totalmente diferente, buscar fora da universidade é diferente, você ficar preso só aqui aquilo que o professor passa pra você na sala de aula não te favorece.	Para eu ter acesso a pesquisa eu entrei em grupo de pesquisa. [...] a pesquisa me ajuda por conta que na minha formação eu foco naquele tema e ela é importante para mim porque me ajuda conhecer mais sobre os temas.
<b>P3</b>	Primeiro, para se ter pesquisa, você precisa ter um problema. A pesquisa é um problema que você quer responder ou solucionar	Acho que sim. Aprender, a partir das discussões dos temas meus temas de outro, mas ainda que acaba sendo muito pouco e ao pesquisar você conhece mais.	Sim [Está presente]. Primeiro entrei no grupo de pesquisa, segundo porque sou bolsista de Iniciação Científica, por isso ela está presente em minha formação inicial. [...] Pra ser sincera a pesquisa, é importante, eu foco na minha pesquisa. [...]. É importante por causa do conhecimento. É importante justamente por isso pra você se especializar.
<b>G1</b>	Buscar o novo, saber o porquê, eu, particularmente acredito que nasce o desejo de pesquisa pela curiosidade.	Sim. Se eu tenho um tema e vou pesquisar sobre aquilo ali eu aprendo mais.	Sim [Está presente]. Porque logo quando eu cheguei aqui a única coisa é que eu não tinha conhecimento, aliás de quase nada muita coisa nova se descobre através da pesquisa. [...] [É relevante] Porque através da pesquisa você aprende, vai ter sempre uma coisa para pesquisar.
<b>G2</b>	A pesquisa ela te possibilita conhecimento. E não adianta, você tem que correr atrás, é tipo assim se você quer tem que correr atrás	Aprende, aprende sim, mas você não pode ficar com o ensino em sala, mas pesquisar por conta própria, um depende do outro, você tem que ter orientação.	Sim [Está presente]. Tudo relacionado a universidade a gente tem a pesquisa, tudo envolve a pesquisa. [...] É como eu disse anteriormente né, a pesquisa tá por um tempo aqui e se eu não pesquiso a minha formação é mínima, é como eu disse aberto para novas informações.
<b>G3</b>	Pesquisa é uma metodologia. Pesquisa é um ato	Não. Eu acho que a pesquisa pode apenas lhe dá um	A pesquisa está presente no curso de Pedagogia, principalmente nessa fase

	investigativo que pode ser feito metodologicamente ou pode ser feito com coleta de dados.	direcionamento pra onde você quer decidir e não é possível se aprender através da pesquisa.	inicial para você ter a noção e também para direcionar a sua formação e depois a aplicação daquilo que você aprendeu e que você pretende colocar em prática da Pedagogia. [...] [É relevante] Pra eu poder ter um direcionamento do que eu vou enfrentar na sala de aula e na realidade ter uma noção do assunto que está sendo transmitido que de fato se está sendo assimilado.
--	---	---	---

**Fonte:** Dados da pesquisa.

Conforme dados expostos no quadro 1, os estudantes dos dois grupos demonstram entender o que é pesquisa, ao se remeterem a ela como a busca pelo conhecimento que se dá através de questionamentos, e que ela proporciona aprendizagens.

Os relatos evidenciam que a atitude de pesquisa está presente nos discursos dos estudantes. Para Demo (2011), a pesquisa faz parte de toda prática, faz parte do processo de informação, como instrumento fundamental para a emancipação, para ter e ser é preciso saber. O autor ainda aponta que “[...] diante de nossa ignorância e dos nossos limites, há sempre o que se conhecer, sobretudo conhecer faz parte do conceito de vida criativa” (DEMO, 2011, p. 17). Para criar, em especial para se emancipar, é importante informação competente.

Desse modo, a pesquisa, principalmente como princípio educativo, deve possibilitar a ampliação do conhecimento intelectual, da atitude política e do senso de criticidade dos sujeitos que usufruem dela. Ela também possibilita a ampliação da capacidade de saber, pensar e agir tão necessária nesse cenário social brasileiro em que vivemos, tanto em sociedade quanto na academia; cenário permeado por discursos e atitudes de sucateamento da educação, onde nos resta aprendermos e resistirmos, num processo de luta política.

Demo (2011) defende o princípio de que é possível aprender pela pesquisa, mas sabemos que esse ideal se distancia, infelizmente, de muitos contextos universitários. Os participantes da pesquisa consideram que é possível sim aprender pela pesquisa. Em consonância, Demo (2011) ressalta que educar pela pesquisa é um ato emancipatório e a pesquisa promove a

autonomia, a aprendizagem, a emancipação, a produção de conhecimentos, a partir do questionamento reconstrutivo.

Entendemos essa aprendizagem como um ato político, para saber dialogar, para lutar, para resistir, para prepara-se para os enfrentamentos, para intervir como autor, para ter autonomia. A universidade precisa ensinar processos que fomentem a capacidade de ser autoral. Isso dá ao sujeito a condição de humanização, de intervenção autônoma. É dessa maneira que também construímos conhecimentos.

O sentido de pesquisa deve estar vinculado ao de elaboração própria, assim, a educação não pode ser referida como condição de instrução, informação, reprodução; o que conta é aprender a criar e o instrumento disso é a pesquisa. Como nos aponta Demo (2011), citado anteriormente, a pesquisa deve ser compreendida como capacidade de elaboração própria. O que o autor ressalta é a importância da pesquisa baseada na experiência e isso é apenas um dos horizontes, pois não se pode ter experiência sem relacioná-la com os outros campos que compõem a pesquisa, baseados em teoria, método e prática.

A necessidade de pesquisar surge de inquietações, perguntas, dúvidas, porém o ensino na universidade, muitas vezes, baseia-se apenas na transmissão de conteúdos. Por vezes, o professor não fornece liberdade para o aluno perguntar, discordar, como alerta Nova (2010, p. 70): “[...] a sistematização prévia do que deve ser ensinado é considerada uma referência de compromisso e dedicação do professor”. O professor, ao cumprir este papel, é considerado pelo aluno um professor que domina conteúdos. Assim, acostuma-se com a universidade do jeito que é. Uma coisa é aprender pela imitação, outra pela pesquisa. Pesquisar é aprender em sentido criativo. É possível aprender escutando aulas e tomando notas, mas aprender (com significado) é quando se parte da elaboração própria, motivando o indivíduo que aprende construindo.

Ademais, faz parte da função de ensinar a motivação da pesquisa, no sentido de chamar a atenção para a riqueza da discussão, para caminhos alternativos e de tratamento do tema, para apresentar a maneira própria do sujeito de compreender a questão. Assim, é possível motivar o aluno a

pesquisar, a fim de fazer seu próprio questionamento, para poder chegar a sua elaboração própria.

Ressaltamos que o estudante deve possuir dentro de si o desejo de criar, porque através desse desejo é que nasce a autonomia, como nos aponta Nova (2011, p. 9): “[...] autonomia não é algo dado ou surgido de fora para dentro, do sujeito. Ela é construída e está intimamente relacionada à geração de significado, de vontade e de intenção criadora”. É importante oferecer aos estudantes um processo de identificação dos sentidos entre o que se faz e o que se estuda. Assim, priorizar a apresentação de conteúdos alheios reforça a dependência do estudante em relação ao professor, legitimando e intensificando a falta de autonomia do estudante e, conseqüentemente, dele como futuro professor. Isso é ressaltado pela autora novamente, quando se remete ao fato de que “[...] a autonomia no contexto da prática de ensino deve ser entendida como um processo de construção permanente no qual devem se conjugar, se equilibrar e fazer sentido muitos elementos” (NOVA, 2011, p. 9).

Pesquisar significa, então, estar aberto para novos conhecimentos e saberes. Afirmação que coaduna com Demo (2011, p. 18), ao apontar que a “[...] educação aparece decaída na condição de instrução, informação, reprodução, quando deveria aparecer como ambiência de instrumentação criativa, em contexto emancipatório”. O autor nos revela que aquilo que conta na educação é aprender a criar e um dos instrumentos essenciais da criação é a pesquisa. Nisto é que está o seu valor também educativo.

### *Eixo temático 2: pesquisa e suas influências na formação universitária*

Quanto ao eixo 2, foram perceptíveis semelhanças e diferenças nas respostas fornecidas pelos estudantes dos dois grupos pesquisados. Em relação ao incentivo recebido, as dificuldades enfrentadas e a percepção sobre o tripé acadêmico, houve semelhanças nos relatos. Entretanto, quanto à capacidade transformadora dos cidadãos através da pesquisa na Universidade, houve divergências entre estudantes integrantes de grupos de pesquisas e os que não são integrantes. Os dados encontram-se nos relatos categorizados no Quadro 2, adiante.

**Quadro 2:** Dados do Eixo temático 2 - Pesquisa e suas influências na formação universitária.

<b>P ou G</b>	<b>Pesquisa: incentivos e dificuldades no curso de Pedagogia</b>	<b>Influências da pesquisa na formação universitária e relação com o tripé</b>
<b>P1</b>	Olha para incentivar, incentivar bem tá sendo agora no grupo de pesquisa pelo menos para mim, mas na graduação a disciplina de projetos incentiva. [...] Eu fiquei sabendo que existe grupos, mas é o professor que escolhe. [...] acho que a pesquisa na universidade tem que ter algo que abrangesse todos os estudantes.	A pesquisa eu vejo como algo pessoal meu, eu tô pesquisando, ampliar algo meu, colocar minhas ideias, ali posso tirar minhas conclusões, eu tô buscando é o meu conhecimento. Eu estou sendo transformada através da pesquisa, abrindo meus conhecimentos. [...] Ensino sim, pesquisa também agora extensão não, tô vivendo extensão não, eu ainda não sei o que é extensão e porque é tão separado a extensão da graduação.
<b>P2</b>	Tenho incentivo por parte de todos os professores, não aquele incentivo que ele vá caminhar junto com você, mas a todo o momento em sala de aula ele incentiva a publicação, incentiva você procurar, a você investigar. [...] Então a dificuldade do aluno da noite é encontrar tempo para pesquisar.	A pesquisa amplia sua visão dentro da faculdade dentro da universidade. A pesquisa me ajuda na formação mais que a sala de aula. A pesquisa proporciona um campo maior de formação e te possibilita ser um sujeito atuante, depois que passei a ser bolsista de Iniciação Científica e fazer parte do grupo de pesquisa, antes o que era restrito em sala de aula ampliou, a discussão do grupo, te possibilita várias informações que não se tem em sala de aula. [...] Na minha concepção, a UESB ela abrange tudo isso o ensino, a pesquisa e a extensão.
<b>P3</b>	Tem professor que fala [incentiva], não tem muito não incentivo. [...] A dificuldade é principalmente o pessoal que estuda a noite não poder participar dos grupos de pesquisa, por causa de trabalho e outros motivos.	Quando a gente fica preso só a sala de aula a gente acaba que reproduzindo o que escutou na sala de aula. Mas no grupo de pesquisa não, a gente sente mais liberdade na hora de participar, de discordar. [...] Acredito que sim [existe a relação da formação inicial com o tripé] que se a gente for levar em consideração os eventos que a gente participa, publicação de artigos, isso exige participação nesse sentido sim.
<b>G1</b>	Da parte de alguns professores não [tem incentivo], mas de alguns colegas sim e também eu não tenho tempo, até alguns de meus colegas participam de grupo de pesquisa. [...] O trabalho não deixa. [...] A maior dificuldade, você pode ver, são poucas as pessoas do curso de Pedagogia é de se dedicar por conta que a maioria trabalha durante o dia e estuda a noite e não tem tempo de se dedicar durante o dia as atividades.	Não entendi, é... sinceramente eu não vejo a universidade dessa forma não, vamos supor eu tô com uma dúvida mas a minha dúvida não é coerente com a sua, quando você pesquisa sua dúvida você vai ver se ela bate com o que o professor diz, por isso que eu falo que é aprender a aprender ou descobri outra coisa. [...] Ensino e Pesquisa sim, mas extensão para mim é incompleta porque não tenho como participar.

<b>G2</b>	Sim [Tem incentivo]. A maioria das atividades que passam em sala de aula é baseada em pesquisa. [...] Na minha turma, no meu caso, a questão dos livros, tem livros? Tem, mas em quantidade pequena a gente tem que ficar tirando xerox. Sem falar na sala de informática, quando a gente vai pra lá fazer atividade em grupo o espaço é apertado e não tem como pesquisar.	Buscando informações, pesquisando no lugar certo, você se forma com mais qualidade e é aquela questão, saber pesquisar, você não pode sair pesquisando a toa, pesquisando com responsabilidade nos torna um cidadão cheio de informações. [...] Ensino sim, pesquisa sim, mas é como eu tenho dito sempre eu ainda não conheço extensão.
<b>G3</b>	Os professores incentivam agora o que falta no curso de Pedagogia é mais essa atitude do professor acadêmico em estar fazendo com que essa pesquisa ela possa estar sendo debatida em outros meios. [...] Particularmente eu não encontrei [dificuldades] até porque eu consigo assimilar essa questão da carga horária estudantil com a carga horária do trabalho. Agora alguns companheiros têm dificuldades por causa do trabalho ele não tem espaço pra se dedicar mais ao estudo.	Ela [a universidade] vai te dar um direcionamento naquilo que está sendo colocado é de fato assimilado para transformar aquele cidadão numa pessoa crítica. A pesquisa me dá um direcionamento e o conhecimento transforma aquele cidadão em um sujeito crítico, conforme exige a universidade contemporânea. [...] Ela [a relação da formação inicial com o tripé] existe.

**Fonte:** Dados da pesquisa.

A motivação pelo professor é fundamental para que o aluno fomente seu desejo pela pesquisa, como menciona Diniz-Pereira (2006, p. 69): “[...] a proposta de incentivar a pesquisa em ensino surge dentro do contexto de valorização da atividade de pesquisa frente às demais atividades da universidade”. O autor ressalta que a pesquisa desempenha um papel importante na melhoria dos cursos de licenciatura; a pesquisa no ensino possibilita a formação do professor como um pesquisador no contexto prático, ou seja, um profissional que reflete na ação.

Nesse contexto, é fato que não se produz sem conhecimento e para produzir é necessário pesquisar. A pesquisa à qual nos referimos é aquela que faz com que o estudante aprenda pela sua própria criação, isso é apontado no texto *Palomar na praia* quando seu Palomar tenta definir seu campo de observação para descrever a onda que vinha em sua direção. Conforme Calvino (1994, p. 9), “[...] o senhor Palomar está procurando agora limitar seu campo de observação [...]”. Percebe-se nas palavras do autor que o personagem está delimitando a sua investigação, para, depois, começar a sua produção.

Uma das dificuldades apontadas pelos estudantes refere-se ao fato de o curso ser noturno e eles não terem tempo para a pesquisa. O fator tempo é evidenciado por Demo (2011, p. 53):

[...] o ensino noturno, representa necessidade e banalização ao mesmo tempo. De um lado, sem ele grande parte da população não teria qualquer acesso, porque antes de estudar, precisa trabalhar para sobreviver. De outro, estudar a noite significa acomodar exigências as condições concretas, coibindo aproveitamento desejável e que somente é factível nos casos de dedicação integral.

Diante disso, enfatizamos que é preciso encontrar equilíbrio entre os afazeres diurnos e o estudo noturno. As dificuldades nos cursos de Licenciatura noturnos constituem uma realidade brasileira, uma vez que os participantes apresentaram diferentes respostas, desde a dicotomia entre teoria/prática e ensino/pesquisa, justificada pela falta de tempo para se dedicarem às atividades universitárias. Assim, trazer a pesquisa para o cotidiano na universidade pode ser muito aceitável por parte dos estudantes, isso oportuniza a eles um diálogo crítico com a realidade, pautado em questionamentos e elaborações próprias.

Percebemos também que os estudantes participantes de grupos de pesquisa ressaltaram a importância dessa participação para familiarização com o contexto da pesquisa, mas que a falta de tempo, devido às adversidades da vida, impede muitos outros alunos de terem essa experiência. Diniz-Pereira (2006), ao referir-se aos cursos de licenciaturas do noturno, aponta que existem para atender a uma demanda de alunos trabalhadores que só podem estudar nesse turno. Dessa forma, poucos podem atuar em grupos de pesquisa ou participar de cursos de formação continuada devido à falta de disponibilidade de tempo, já que não é a universidade que deve se adequar aos horários dos alunos, e sim os alunos que devem se adequar aos horários e exigências da universidade, sendo a participação em GP uma delas.

Seria demasiadamente bom se todos os alunos pudessem fazer parte de grupos de pesquisa, no entanto vale ressaltar que, além das exigências para ingresso nos grupos (o grupo é seletivo), há, ainda, o fato de nem todos os alunos quererem isso. Demo (2011) ressalta que na universidade os próprios

professores incitam a dicotomia teoria/prática e ensino/pesquisa, pois alguns querem só ensinar e outros querem somente pesquisar, repassando para o aluno um ou outro posicionamento: ou só se dedicarem ao ensino ou só se dedicarem à pesquisa. Porém, sabemos que o ensino se faz pela pesquisa e é dessa forma que a ciência é feita com consciência, conforme aponta Morin (2009).

É fato que a pesquisa transforma o sujeito na universidade atual, por meio das discussões, dos debates, das ações investigativas e extensionistas, dentre outras maneiras, não devendo a universidade ser reduzida à sala de aula. A participação nos grupos de pesquisa é uma dessas maneiras de ampliar os horizontes, construir conhecimentos, aguçar a criticidade e construir autonomia. Sobre isso, Carvalho (2013, p. 6) assim aponta:

[...] A implantação e manutenção de Grupos de Pesquisa pretende responder [...] sobre a construção de uma comunidade universitária. Ele é ponto de encontro para pesquisadores, professores e alunos interessados em participar de um processo de construção de conhecimento que é chave para a mudança de uma cultura universitária e para a produção da identidade profissional [...].

Diante disso, universidade é lugar de ensino e lugar privilegiado, o lugar para a construção de conhecimentos científicos. Essa construção poderá acontecer mediante o envolvimento de toda a comunidade universitária neste processo, visto que ciência e produção de conhecimento encontram-se necessariamente em associação.

Nesse âmbito, percebemos diferenças nos relatos dos estudantes participantes e não participantes de grupo de pesquisa. A visão da universidade contemporânea como formadora de cidadãos e profissionais críticos e autônomos a partir/através da pesquisa é ampliada na perspectiva dos estudantes do primeiro grupo e reduzida com os participantes do segundo. O GP é visto como lugar de aprendizagens em que a pesquisa se faz presente como elemento que possibilita a transformação.

A universidade pública tem sua sustentação também no tripé ensino-pesquisa-extensão, cuja visão sobre ele ainda vem sendo dicotomizada em

razão da forma como as ações que o envolvem são desenvolvidas. A extensão na universidade é a que se mostra mais distante da realidade dos estudantes.

O ensino, a pesquisa e a extensão aparecem nas universidades públicas como uma das maiores virtudes e expressão de compromisso social, conforme destaca Paula (2013, p. 16): “[...] é tarefa da extensão construir a relação de compartilhamento entre o conhecimento científico e tecnológico produzido na universidade e os conhecimentos de que são titulares as comunidades tradicionais”. Mas como a extensão pode compor a base da universidade pública e ser ainda desconhecida ou inviabilizada pelos/aos estudantes?

É perceptível a ruptura desse tripé na universidade (e curso) pesquisada por estudantes dos dois grupos estudados. Dessa maneira, o ensino e a pesquisa promovem ações que são melhor visualizadas pelos estudantes do que a extensão. A extensão, pela sua natureza interdisciplinar, deveria ser mais visualizada, ou seja, mostrar-se mais presente para os estudantes, pois deve dirigir-se à comunidade universitária e à sociedade em geral, proporcionando a difusão de conhecimentos produzidos no seio universitário, estendendo-se, aproximando sociedade e universidade. Entretanto, percebemos que essa aproximação, muitas vezes, é inexistente, provocando rupturas na base sólida – o tripé – que é capaz de posicionar a universidade no lugar de excelência.

É do contexto universitário a vivência desse tripé de forma associada. Portanto, os futuros pedagogos, ao vivenciarem a essência dessa tripla ação, poderão realizar um trabalho melhor no fazer docente nas escolas de educação básica, no ensino superior e em outros espaços de atuação. Os dados mostram que os estudantes pesquisados têm limitações para usufruir das ações do tripé acadêmico, ou de ordem pessoal (falta de tempo, outras prioridades) ou de ordem institucional (oferta). Dessa forma, percebemos que a pesquisa vem influenciando a formação universitária recebida pelos estudantes de Pedagogia da UESB, que ainda são afetados pelo que lhes é ofertado pela instituição.

*Eixo temático 3: a pesquisa como princípio educativo e subsidiadora para o exercício da docência*

Neste eixo 3, percebemos que os estudantes entendem a pesquisa como princípio educativo e sua necessidade na formação do professor e para o exercício da docência. Os dados encontram-se nos relatos categorizados no Quadro 3, a seguir.

**Quadro 3:** Dados do Eixo Temático 3 - A pesquisa como princípio educativo e subsidiadora para o exercício da docência

P ou G	A pesquisa como princípio educativo	Pesquisa e Docência
P1	O ensino pela pesquisa faz com que o professor reflita sobre a sua prática, e, através da produção própria os alunos podem aprender muito mais.	Muito, muito mesmo [é subsídio para o exercício da docência]. É na pesquisa que a gente busca detectar os problemas e através disso vem uma melhora como profissional.
P2	É como eu já te falei antes, ela [a pesquisa] te dá sustento pra sua própria prática em sala de aula, porque ela te dá oportunidade de buscar de apreender conhecimentos	Sim [é subsídio para o exercício da docência]. Porque através da pesquisa você aprende muita coisa, porque na formação, na graduação ela não te forma pra ser um professor, ela não te forma, não te sustenta, quando você participa de cursos fora, pra ser professor, você ler aprendendo teorias, que dentro da sala de aula você não tem e que se você colocar na sua prática você faz melhor do que ficar preso a metodologia do professor dentro da sala de aula.
P3	Olha, falando assim do meu ensino da minha pesquisa eu acredito que si a gente amplia a visão em relação a isso a partir da pesquisa eu ampliei minha visão eu tinha muita dificuldade com leitura, e depois que eu comecei a pesquisar para o meu TCC, tive que fazer muita leitura e a partir disso eu conheci mais.	Eu acho que sim [é subsídio para o exercício da docência], porque no grupo, eu tenho adquirido muito conhecimento, as vezes nem espero o professor mandar eu já investigo, então o grupo me ajudou nisso.
G1	Você não pode ficar atrelado ao que aprende dentro da universidade, mas buscar, e a busca se dá através da pesquisa para você ter a possibilidade de fazer diferente de mudar. Eu acredito que a pesquisa tem capacidade de mudar a educação.	Sim [é subsídio para o exercício da docência]. Porque ao pesquisar você pode melhorar sua prática.
G2	Contribui porque assim tá tudo dentro da pesquisa.	Sim [é subsídio para o exercício da docência]. Porque só o que você tem de conhecimento não é suficiente.
G3	Através da pesquisa você consegue ter noções básicas daquele conteúdo estudado, podendo assim ser discutido em sala de aula e, conseqüentemente, colocar em sua prática.	Acho pouco porque você consegue avaliar nesse momento o nível de capacidade de assimilação para o professor em relação ao conteúdo que ele está ali transmitindo. Isso você consegue transmitir através da pesquisa se de fato ele tem ou não conhecimento daquele assunto.

Fonte: Dados da pesquisa.

Todos os estudantes pesquisados afirmaram que a pesquisa é um subsídio para o exercício da docência e justificaram que através dela detectam problemas, contextualizam e melhoram como profissionais, através das leituras de textos, da investigação, e denunciam que somente a pesquisa na universidade ainda é insuficiente para o exercício da prática profissional. Os grupos de pesquisa como espaço privilegiado para construção dessa aprendizagem também foram referenciados. Os dados revelaram a relação da pesquisa com a criticidade, a reflexão e a autonomia, mas também que há, ainda, alunos com visão reducionista, limitando a docência à transmissão de conteúdos.

É preciso ressaltar que a docência baseada na relação entre ensino e pesquisa promove a aproximação entre professor e estudante e, conseqüentemente, a reflexão coletiva e a troca de experiências. Assim, essas relações dialéticas promovem a reflexão da prática do docente, do seu ensino e da sua pesquisa. Esse docente, com essa formação, tem condições de conscientizar-se sobre o seu ensino, problematizando e refletindo sobre a sua própria ação. Através do ensino ele pesquisa e através da pesquisa ele ensina, aguçando a possibilidade de mudanças (NOVA, 2010).

Para Demo (2011), o princípio educativo é atitude de pesquisa via processo educativo, como postura de questionamento criativo, desafio de inventar soluções próprias, descoberta e criação de relacionamentos alternativos, sobretudo motivação emancipatória. Dessa forma, os dados acima demonstram que para os estudantes a pesquisa como princípio educativo contribui na formação para ser professor como processo reconstrutivo do conhecimento, por meio da busca, da reflexão, da reconstrução, da elaboração própria e da própria prática educativa. Demo (2004, p. 78) ressalta que:

Como pesquisar não é qualquer coisa, pode-se assumir como definição mínima a noção de “questionamento reconstrutivo”, em cujo contexto emerge duplo desafio interconectado: de um lado, o questionamento que aponta para autoridade do argumento, a habilidade de saber pensar e fundamentar, o compromisso com a desconstrução metódica, já que conhecer é substancialmente questionar; de outro a reconstrução do conhecimento, que será sempre provisória, orientada por sua

discutibilidade formal e política. Sumariamente, o aluno precisa desconstruir conhecimento e reconstruir com mão própria, tornando-se neste processo interminável capaz de história própria.

O princípio educativo da pesquisa deve promover no aluno conhecimento, possibilitando ampliação da visão de que conhecimento não vem pronto para ser transmitido, precisa ser construído. Pesquisar é coisa séria, mas vem sendo banalizada em muitas instituições que ainda sustentam uma ideia conservadora e fragmentada de produção, principalmente quando pauta na racionalidade técnica a formação de seus licenciados. Assim, a reflexão como elemento de formação deve permear todo o currículo universitário, gerando o estímulo e desenvolvendo a capacidade de produção e reconstrução do conhecimento dos alunos, mas não há como fazer isso com políticas públicas desfavorecedoras e com professores desatualizados, com visões fragmentadas, que não refletem sobre sua prática.

A universidade precisa se atualizar, sem, contudo, perder sua essência, o que ela tem de melhor – o tripé ensino, pesquisa e extensão. Mas, na contemporaneidade, percebemos que não será possível reformar os pensamentos sem reformar a universidade, conforme sugere Morin (2009, p. 59): “conhecer e pensar não é chegar a uma verdade absolutamente certa, mas dialogar com a incerteza”. Assim, para repensar a reforma, é necessário reformar o pensamento e vice-versa, num processo dialético.

Formar para a mudança e a incerteza é necessário hoje. Imbernón (2011) ressalta a importância de formar professores para atender as demandas da contemporaneidade, ou seja, as diferenças, a diversidade, as complexidades que permeiam a educação. Nesse cenário, com os ataques que a educação vem sofrendo, que visam, dentre outras coisas, o desmonte da universidade pública, inclusive com o fim da pesquisa, já sinalizado pelo atual governo, diante do bloqueio de verbas e os cortes de bolsas, o princípio educativo e científico deve se configurar como elemento sempre presente na formação do professor, como elemento de resistência. A universidade precisa pensar nas mudanças na formação de professores necessárias para o século XXI – inserir a pesquisa como princípio educativo e científico é uma delas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa permitiu-nos conhecer aspectos que assemelham e diferenciam estudantes participantes de grupo de pesquisa e estudantes não participantes de grupo de pesquisa no curso de Pedagogia de uma universidade pública do interior do estado da Bahia. A análise dos depoimentos evidenciou que os participantes de grupo reconhecem que a pesquisa tem esse poder de emancipar e transformar os cidadãos. Verificamos nos dados, também, que todos os participantes têm noção do que seja pesquisa, porém, foram evidenciadas negatividades em relação à pesquisa como potencializadora de transformação apenas entre os estudantes não participantes de GP.

Nesse sentido, foram apontados aspectos importantes entre os participantes quando apresentam em seus relatos a importância de se ter a pesquisa no ensino como instrumento capaz de fazer os mestres em formação refletirem sobre sua prática. Os participantes, na sua maioria, relatam que a universidade, na graduação, foge de todo esse contexto que é pautado pela pesquisa como princípio educativo e que, para terem oportunidades de trilhar esse caminho, procuram outras alternativas, ou seja, os grupos de pesquisa.

Diante disso, os dados apontam que o princípio educativo é uma das possibilidades de se repensar a universidade contemporânea e que a pesquisa é uma forma de despertar nos estudantes a elaboração própria para se construir conhecimentos novos. Dessa forma, fica claro que a docência precisa ser norteada pela pesquisa, porque a partir dela é que se constitui um sujeito prático, crítico e reflexivo. O ensino com pesquisa na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, ainda na graduação, pode possibilitar ao estudante uma aprendizagem com significados, pois, baseado na sua elaboração própria, ele ganha autonomia e senso crítico diante da realidade.

Ficou evidente que todos os estudantes pesquisados sabem o que é pesquisa e reconhecem sua contribuição para a formação inicial e o exercício da docência. Ainda, que a pesquisa deve estar presente no curso de Pedagogia e na Universidade, pela sua própria natureza de ser, integrando ensino-pesquisa-extensão. Também, que a pesquisa deve permear todo o

currículo do curso e a pesquisa como princípio educativo deve fazer parte do cotidiano da formação. Com isso, foi perceptível que há semelhanças e diferenças entre estudantes participantes e não participantes de GP, mas com uma maturidade maior do primeiro grupo.

Assim, a importância deste trabalho para a área de Pesquisa em Educação é imensa, pois brota de uma discussão necessária – pesquisa na formação inicial de professores – e abrange perspectivas críticas e reflexivas, com possibilidades de ampliação, abarcando a sociedade e articulando educação básica e superior. Portanto, a pesquisa na formação inicial deve possibilitar a busca pela transformação do sujeito em um cidadão emancipado, prático, crítico e reflexivo frente à realidade e isso inclui a elaboração própria.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, LDA, 2010.

BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

CALVINO, Italo. **Palomar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

CARVALHO, João Eduardo Coin de. **A pesquisa na universidade: Psicologia Social, Saúde e a Construção do Conhecimento na Instituição**. Disponível em: (<http://www3.unip.br/servicos/aluno/suporte/ceppe/publicacoes.aspx>). Acessado em: 12/12/2013.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. **Avaliação Qualitativa**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1988.

\_\_\_\_\_. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Educar pela pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 1995.

DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. A formação de professores nas licenciaturas: velhos problemas, novas questões. In: \_\_\_\_\_. **Formação de professores: Pesquisas, representações e poder**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.p.53-76.

GATTI, Bernadete A. Pesquisar em Educação: considerações sobre alguns pontos-chave. **Diálogo Educacionais**, Curitiba, v. 6, n.19, p. 25- 35, set/ dez 2006.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: forma-se para a mudança e a incerteza**. 9. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Trad. Eloá Jacosina. 16. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

NOVA, Carla Carolina Costa da. **As representações sociais de docentes universitários sobre a relação entre ensino, aprendizagem e pesquisa na formação inicial de professores**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2010.

\_\_\_\_\_. A relação entre ensino, aprendizagem e pesquisa na formação inicial de professores sob o ponto de vista de um grupo de docentes universitários: as representações sociais em foco. In: XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais: Diversidades e Desigualdades. **Anais ...** Salvador-Bahia, Portugal, 2011, p. 1-10.

\_\_\_\_\_. O currículo e a relação entre ensino e pesquisa na formação inicial de professores: tensões para a docência universitária. **Espaço do Currículo**, v.8, n.3, p. 345-355, Setembro a Dezembro de 2015.

PAULA, João Antônio de. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces - Revista de Extensão**, v. 1, n. 1, p. 05-23, jul./nov. 2013.

RAYS, Oswaldo Alonso. Ensino-Pesquisa-Extensão: notas para pensar a indissociabilidade. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 21, p. 1-10, jan. 2003.

*Recebido em: 06/10/2018*

*Aprovado em: 30/05/2019*